



Análise de Discurso: Como o Aquecimento Global Foi Noticiado no Jornal O Liberal entre os Dias Dois e 22 de Abril de 2007.¹

Adriana Fradique Gonçalves²
Universidade Federal do Pará

Resumo:

A Semiologia, hoje dividida em três fases, tem como grande expoente em seu primeiro período o lingüista Saussure, que estudava a língua em detrimento da fala. Com a contribuição de diversos autores, a semiologia passa a incorporar o contexto em suas análises, bem como a noção de textos recheados de outras vozes além da própria do autor. Nas notícias de jornal, outras características ou elementos constitutivos, tais como, os títulos e subtítulos, a localização na página e os recursos gráficos podem ser observados claramente. A análise será feita em O Liberal, jornal criado em 1946, atualmente diário de maior circulação do norte e do nordeste, segundo o próprio veículo. O assunto-chave usado para a seleção das matérias é o “aquecimento global”, fenômeno conhecido há mais de duas décadas como “efeito estufa”.

Palavras-chave: análise de discurso; aquecimento global; Amazônia.

Considerações Iniciais :

A partir de 1940, os conhecimentos sociológicos referentes ao campo midiático vão se organizar em duas principais correntes. A primeira crítica é articulada em torno de reflexões sobre a “cultura de massa”. Tem um caráter filosófico e especulativo e desenvolve-se principalmente na Europa. A segunda corrente é empírica/funcionalista e baseia-se na pesquisa positivista na análise de enquetes para desmistificar a caracterização da mídia como onipotente e responsável pelas mazelas socioeconômicas (BRETON e PROULX, 2002).

A partir da década de 50, do século XX, a pesquisa dos meios de comunicação se volta para a linguagem, caracterizando assim, o paradigma clássico dos estudos da linguagem e a estruturação da semiologia.

A primeira fase é influenciada pelas contribuições de Saussure. Segundo Saussure,

A matéria da Lingüística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a ‘bela linguagem’, mas todas as formas de expressão (SAUSSURE, 2004, p.13).

¹ Trabalho apresentado ao GT de Práticas Sociais de Comunicação (Políticas, Cidadania, Comunicação Científica e Ambiental) do Congresso de Ciências da Comunicação Região Norte.

² Graduanda no curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo pela UFPA. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa Preserv-Ação (UFPA/CNPq), coordenado pela Profa Dra Luciana Miranda Costa. Endereço eletrônico: adrianafradique@gmail.com.



Saussure se preocupou também em definir as tarefas da lingüística, a saber: fazer a descrição e a história de todas as línguas, incluindo a história das famílias das línguas; deduzir as leis gerais de uma língua e definir-se a si própria (lingüística) (SAUSSURE, 2004). Em relação ao objeto, a Lingüística estuda a língua.

A língua é o produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Porém, o objeto varia de acordo com o ponto de vista. É importante salientar que o fenômeno lingüístico apresenta “perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra” (SAUSSURE, 2004, p. 15): ora impressão acústica, ora impressão mental. Ora lado individual, ora social. Ora sistema estabelecido, ora constante evolução. Como a língua não está completa em nenhuma pessoa e só é completa na massa, Saussure privilegia a “*langue*” (língua) em detrimento da “*parole*” (fala).

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem, é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, 2004, p. 17).

Para Saussure, signo é aquilo que ocupa o lugar do objeto para representá-lo. O signo lingüístico une um conceito a uma imagem acústica. É uma entidade de duas faces. “Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro” (SAUSSURE, 2004, p. 80). Como princípios, tem: a arbitrariedade do signo³ e o caráter linear do significante⁴.

Com o passar do tempo, estudiosos resgatam o sujeito e a subjetividade do discurso e como expoente dessa fase temos Émile Benveniste, que acredita ser inerente a inserção do ser humano ao estudo da linguagem, pois:

Antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano. Quais são estas funções? Tentemos enumerá-las? Elas são tão diversas e tão numerosas que enumerá-las levaria a citar todas as atividades de fala, de pensamento, de ação, todas as realizações individuais e coletivas que estão ligadas ao exercício do discurso: para resumi-las em uma palavra, eu diria

³ Segundo Saussure, “a idéia de ‘mar’ não está ligada por relação alguma à seqüência de sons m-a-r que lhe serve de significante, poderia ser representada igualmente bem por outra seqüência não importa qual, como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes” (SAUSSURE, 2004, p. 81-82).

⁴ Em relação ao caráter linear, “os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo, seus elementos se apresentam um após o outro, formam uma cadeia” (SAUSSURE, 2004, p.84).



que, bem antes de servir para comunicar, a linguagem ser para *viver* (BENVENISTE, 1989, p. 222, grifo do autor).

Benveniste distingue o que é o enunciado, como aquilo que é da ordem do dito e o que é enunciação, como as diferentes maneiras de como alguma coisa pode ser dita. Ele diferencia também os planos de enunciação que podem ser histórico, no qual o locutor é excluído ou discurso, no qual há um extensivo estudo sobre os pronomes pessoais e outros vocábulos que dão um caráter pessoal ao texto (BENVENISTE, 1989).

A terceira fase da semiologia dos discursos sociais incorpora o lado humano e histórico às suas análises. Souza, baseada em idéias de Bakhtin, afirma: “a separação da linguagem de seu conteúdo ideológico ou vivencial constitui um dos erros mais grosseiros da lingüística formalista” (SOUZA, 1995, p. 98).

O estruturalismo é abandonado e os autores do início do século, como Bakhtin, são redescobertos e os conceitos formulados nas primeiras décadas do século XX entram em voga na década de 70. A passagem a seguir ilustra bem essa volta do sujeito à luz das análises:

A enunciação individual (a “parole”), contrariamente à teoria do objetivismo abstrato, não é de maneira alguma um fato individual que, pela sua individualidade, não se presta à análise sociológica. Com efeito, se assim fosse, nem a soma desses atos individuais, nem as características abstratas comuns a todos esses atos individuais (as “formas normativamente idênticas”) poderiam gerar um produto social (BAKHTIN, 2004, p. 121-122).

Entre esses conceitos, têm-se os de polifonia e de dialogismo. O conceito de polifonia, também conhecido como intertextualidade, coloca em xeque as autorias dos textos, pois nenhum produtor de discurso tem total autoria. É a “morte do autor”, pois, os discursos estão sempre recheados de outras vozes,

A questão da autoria é, por assim dizer, um tema essencial na sua concepção dialógica da linguagem. Para Bakhtin, a palavra não pertence ao falante unicamente. É certo, diz ele, que o autor (falante) tem seus direitos inalienáveis em relação à palavra, mas o ouvinte também está presente de algum modo, assim como todas as vozes que antecederam aquele ato de fala ressoam na palavra do autor (SOUZA, 1995, p. 100).

Já o dialogismo é como se essas vozes “conversassem” entre si. “Para Bakhtin, as relações dialógicas (...) não podem ser reduzidas às relações que se estabelecem entre as réplicas de um diálogo real” e ainda: “dois enunciados distantes um do outro no tempo e no espaço, quando confrontados em relação ao seu sentido, podem revelar uma relação dialógica” (SOUZA, 1995, p. 100).



Dá em diante, a semiologia leva em conta o histórico. Larga a análise de conteúdo que se volta apenas para o texto interno e passa a analisar o discurso, ou seja, as condições de produção do texto, o que significa em uma análise de contexto. O signo, agora, é ideológico e carregado de intencionalidade.

Para Bahktin, a linguagem é um fenômeno sócio-ideológico e toda enunciação é um diálogo que faz parte de um processo de comunicação ininterrupto. Não há enunciado isolado. Souza resume: “o discurso verbal é diretamente ligado à vida em si e não pode ser divorciado dela sem perder sua significação” (SOUZA, 1995, p. 104).

Logo, como a ênfase agora foi revertida, a parole é estudada e para tanto, deve-se estudar todas as condições do discurso, inclusive a entonação, pois é ela quem estabelece uma relação entre a palavra e o contexto extra-verbal. A entonação encontra-se na fronteira do verbal e não-verbal, do dito e do não-dito. Para Bakhtin, o discurso é um conjunto, no qual as palavras que são propriamente ditas, tem o mesmo papel de uma série de outros elementos dentro do discurso (SOUZA, 1995).

O texto não é mais considerado um signo e sim um conjunto de citações que geram novo sentido. As citações não são necessariamente textuais e trazem marcas da história, de referências de vida, de ideologia e do inconsciente do “autor”.

Em relação ao lugar social do emissor, a prática jornalística tem em seu cerne a organização do discurso da sociedade. Tanto que se pode considerar como uma de suas funções a “confirmação”. Segundo Gomes, “(...) o jornalismo se coloca como confirmação do pacto primeiro fundado na comunidade estabelecida pelo compartilhamento de uma língua” (GOMES, 2000, p. 20).

Além do compartilhamento da língua, a concentração de certos temas, como o Estado e seus feitos, dá ao jornalismo a possibilidade da confirmação da aliança social existentes entre os cidadãos e esse Estado. O jornalismo guarda também a função da vigilância, de desenho do espaço social e de hierarquização.

A análise do discurso de um texto jornalístico se calca principalmente na linguagem utilizada, nos títulos, nos subtítulos, na página e na localização dessa matéria, no uso de “aspas” ou entrevistas, nas fotografias, nas citações, nos gráficos, nas tabelas e nos infográficos, ou seja “do recurso aos sinais de marcação da remetência ao real” (GOMES, 2000, p. 24).

Há que se estudar os elementos que compõe a verossimilhança ou a plausibilidade da notícia, o chamado “efeito de real”. Esses elementos podem ser os índices, que são os significantes que delineiam o caráter, a identidade, a atmosfera e o



estado de espírito de uma personagem, podem ser também os informantes, ou seja, aqueles que situam no espaço e no tempo. E consideram-se as catálises como elementos que operam a compreensão temporal presente na narrativa (GOMES, 2000, p. 27).

Estudam-se também as estratégias empregadas que ajudam a construir um testemunho “mais real da realidade” e como exemplos dessa estratégia, podem-se considerar os dados estatísticos, as metáforas, as metonímias, o discurso imagético e o não-verbal.

Jornal O Liberal:

O Sistema Romulo Maiorana de Comunicação, atualmente Organizações Romulo Maiorana, congrega emissora de televisão (TV Liberal e repetidoras no interior do estado), rádios AM e FM, portal na Internet, além dos jornais O Liberal e Amazônia Hoje e uma fundação cultural também chamada Romulo Maiorana, configurando-se assim, como o maior conglomerado de informação do estado do Pará.

Segundo O Liberal, em matéria publicada em 13 de novembro de 2005, às vésperas do aniversário de 59 anos de existência, o jornal “nasceu da decisão do general e senador Magalhães Barata de neutralizar o bombardeio implacável e permanente do jornal ‘Folha do Norte’, de Paulo Maranhão, contra os seus atos políticos”(O LIBERAL, 2005, p. 14). Além disso, Barata não tinha o apoio da Província do Pará, pois essa mantinha uma postura de neutralidade. No meio dos dois, nasceu O Liberal.

Logo, para dar respostas ao oposicionismo de Maranhão, um grupo de amigos de Barata, liderados por Moura Carvalho, fundam o jornal O Liberal como “vespertino político-partidário, porta-voz do Partido Social Democrático” (O LIBERAL, 2005, p. 14).

Inicialmente, o jornal não passava de um panfleto distribuído aparentemente desordenadamente, na quantidade de 600 exemplares. Tanto o conteúdo e a apresentação gráfica podiam ser considerados fracos, “era polêmico, agressivo, noticioso e muito barato, justamente no final da época de ouro do jornalismo impresso” (O LIBERAL, 2005, p.14).

Em 1959, o único dono do jornal era Barata por meio de doações de seus amigos. Com a morte do ex-senador, o jornal passou as mãos de Moura Carvalho, que o vendeu depois a Ocyr Proença, ligado a Jarbas Passarinho e Alacid Nunes. Ocyr não obteve êxito na administração do jornal, vendendo-o a Romulo Maiorana⁵ em 1966.

⁵ Romulo Maiorana, pernambucano de Recife, chegou em Belém em 1953, aos 31 anos, depois de servir na Segunda Guerra Mundial. Tentou alguns negócios sem sucesso, até abrir uma rede de sete lojas de roupas e calçados. Mesmo



Com Romulo Maiorana, O Liberal passou a investir mais em tecnologia, fazendo com que muitas notícias publicadas pelo veículo sobre ele próprio durante toda sua história, gravitassem acerca das melhorias das máquinas e equipamentos do jornal. Nessa época, o jornal começa a superar seus concorrentes a “Folha” de Paulo Maranhão já para falir e a claudicante Província do Pará.

Em 1969, o número de linotipos chegava a doze e a impressora *Goss* foi trocada por uma *Walter Scott*, capaz de imprimir em azul o título do jornal e algumas manchetes. Ainda na sede da Travessa Santo Antônio, no centro de Belém, começou uma reestruturação física com a montagem de uma equipada central de recepção, que incluía radiofoto, teletipo e rádio. Ainda nesse ano, O Liberal passou a utilizar uma tecnologia da IBM de composição a frio, que o permitia imprimir quatro cores, tornando-se assim, à época, o impresso tecnologicamente mais avançado do estado.

No final de 1972, chegava a Belém a tecnologia *off-set*, dando mais perfeição e requinte às imagens do jornal. Segundo notícia publicada “Nas bancas de revistas, nas casas dos assinantes e nas ruas, todos paravam para olhar e admirar” (O LIBERAL, 2005, p. 13) de tanta beleza que a nova impressão oferecia.

O ano de 1993 foi quando O Liberal passou a ser impresso em policromia, estreando também novo projeto gráfico. Em 2006, às vésperas da data de comemoração sexagenária, O Liberal entrou em funcionamento a nova impressora, a *Uniset “Full Color”*, a primeira rotativa com forno secador da América do Sul, possibilitando a impressão de revistas e encartes.

Em relação às matérias veiculadas sobre assuntos que não ocorreram em Belém, o jornal O Liberal tem a política, salvo exceções, de comprar o material de agências, a saber: Opinião, que cobre a área de Marabá, Amazônia, atuante na região de Santarém e Agência Estado para notícias de cunho nacional. Para fatos internacionais, o jornal é cliente da France Presse e Reuters. Além disso, trabalha com regime de colaboradores *free-lancers* e uma sucursal em Brasília.

Aquecimento Global:

dono das Lojas RM nunca deixou de escrever sua coluna para o jornal O Liberal, de posse de Barata, sua verdadeira paixão. Com Barata no poder, Romulo cresceu no comércio “não só através da multiplicação das Lojas RM, como pelo contrabando que se desenvolvia na cidade” (PINTO, disponível em <<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=18968>>). Com o golpe militar, fechou a cadeia de lojas e comprou O Liberal em 1966.



O tão alardeado aquecimento global, já é conhecido há mais de duas décadas como efeito estufa⁶. É um fenômeno que ocorreria na Terra naturalmente, mesmo se não houvesse a presença humana. Desde a formação da atmosfera, esse efeito é o responsável por manter o calor que permite a vida do planeta. Sem a atmosfera regulando a temperatura terrestre, as variações climáticas seriam tão drásticas que inviabilizariam o desenvolvimento de seres vivos.

Na verdade, o problema se deu quando o homem começou a produzir excedentes de gases que contribuem para o efeito estufa, de tal maneira que o fenômeno foi ampliado e intensificado, aumentando gradativamente a temperatura da Terra, dando origem à expressão “aquecimento global”.

Desde a Revolução Industrial, com o aumento considerável do uso de máquinas a vapor e queima de combustíveis fósseis e conseqüentemente o aumento das emissões de gás carbônico e óxidos de nitrogênio, o planeta se vê em um processo de intensificação de um efeito que antes natural e necessário, passou a ser inconveniente e preocupante.

O desenvolvimento industrial acelerado, aliado a uma explosão demográfica e a degradação de áreas ambientais são atividades antrópicas em nível local que ao entrar numa espiral de agressões contra os ecossistemas terrestres, multiplicam seus efeitos, podendo ser observados em escala global.

Já em 1988, era sabido que de alguma maneira, esse excesso de gases de efeito estufa poderiam trazer algum tipo de problema para a atmosfera, como “modificações climáticas” de intensidade de difícil previsão e alterações “nos níveis das marés, na agricultura e na silvicultura” (CIÊNCIA HOJE, 1988, nº 28, p.52).

Na década de 80, ainda não havia mecanismos tecnológicos suficientes para prever o que poderia acontecer regionalmente com a intensificação do efeito estufa, apenas que, sob as atuais circunstâncias, o aquecimento global era inevitável e que uma duplicação da concentração de gás carbônico na atmosfera já era capaz de resultar em uma variação positiva de temperatura entre 1,5 e 5,5° centígrados. Em 2006, a revista *Época* creditou um aumento de 0,3°C nessa estimativa (CIÊNCIA HOJE, 1988, nº 28; ÉPOCA, 2006, nº 439).

⁶ A denominação “efeito estufa” deriva da semelhança que o processo natural guarda com as estufas de criação de plantas, na qual a cobertura é transparente à luz solar, mas torna-se opaca no que diz respeito à dissipação do calor ali formado. A elevação da concentração de gás carbônico e outros gases-estufa na atmosfera terrestre reduz a taxa de perda de calor para o espaço, aumentando assim, a temperatura terrestre.



Apesar de parecerem variações pequenas, elas seriam (são) capazes de afetar ciclos hidrológicos por todo o mundo, pois as temperaturas elevadas aumentariam a quantidade de vapor d'água na atmosfera, alterando padrões de precipitação pluviométricos. Além disso, já se sabia que com temperaturas mais altas, haveria o degelo das geleiras permanentes e das camadas polares e essa água seguiria para os mares, causando o aumento de nível destes.

Hodiernamente, algumas certezas já podem ser consideradas no que diz respeito ao “aquecimento global”: a concentração de gases que intensificam o efeito estufa na atmosfera, como o gás carbônico e o gás metano, não parou de crescer desde que as medições começaram a ser feitas; aproximadamente 75% do gás carbônico em excesso na atmosfera vem da queima de carvão e derivados do petróleo; a temperatura do planeta é a mais alta dos últimos cem anos; a maioria das geleiras das montanhas está derretendo; nos últimos cinco anos, o ritmo de derretimento da Antártida aumentou dez vezes, assim como o gelo do Ártico; o nível do mar aumentou entre 10 e 20 centímetros no último século, além disso, o mar está ficando mais quente, aumentando assim a força e a frequência dos furacões (ÉPOCA, 2006, nº 439).

Considerado por muitos especialistas a maior tragédia ambiental em curso do planeta, o efeito estufa poderia justificar uma cobertura mais densa nos veículos de comunicação em função dos múltiplos estragos previstos pelos cientistas ao redor do mundo. A Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças do Clima estabelece no artigo 4º, parágrafo 1º, o compromisso dos países em desenvolvimento, entre os quais o Brasil, de ‘promover e cooperar na educação, treinamento e conscientização pública em relação à mudança de clima, e estimular a mais ampla participação nesse processo’. É óbvio que a realização desse compromisso depende basicamente do apoio da mídia (TRIGUEIRO, 2005, p. 79).

A intensificação do efeito estufa e o conseqüente aquecimento global não são processos que respondem ao critério de imediatismo jornalístico. As modificações se fazem em séculos. Mesmo que em um planeta de milhões de anos, um século não signifique muito, para o jornal que sai no dia seguinte ou para a edição de logo mais do telejornal, um século é uma “eternidade”, configurando o assunto em notícia fria ou de pouca atualidade.

Análise:

As matérias utilizadas nessa pesquisa referem-se ao conjunto de treze textos veiculados e recolhidos no período de dois a vinte e dois de abril de 2007. Esse recorte temporal foi escolhido, pois, nesse momento, os representantes do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) da Organização das Nações Unidas



(ONU) se encontravam na cidade de Bruxelas para apresentar a segunda parte do relatório sobre aquecimento global. Foi dado um intervalo de vinte dias entre o primeiro dia do encontro e o último dia de coleta de notícias para que se pudesse ter um período de repercussão das matérias e de estabilização do assunto na redação do jornal.

Durante os vinte dias de acompanhamento na mídia, em especial n'O Liberal, sobre matérias que envolvessem “aquecimento global”, o primeiro contato feito com as matérias foi por meio de “buscador” eletrônico, na página do próprio jornal na Internet⁷, introduzindo-se a palavra “aquecimento”. Do total de textos encontrados, foram selecionados apenas matérias factuais, que reportassem a acontecimentos, excluindo-se assim, crônicas e artigos que porventura tenham sido publicados à época. Para uma visão da localização espacial e de características que só aparecem na versão impressa, posteriormente foi realizada uma visita à Biblioteca Arthur Viana (CENTUR) para análise nos exemplares do arquivo.

Em relação a periodicidade dessas matérias, observam-se três blocos temporais muito nítidos: do dia dois ao dia doze foram publicadas 8 (oito) matérias e dessas, 5 (cinco) possuem o mesmo gancho: o encontro do IPCC. Todas as matérias foram publicadas no primeiro caderno do jornal, o “Atualidades”, sob a rubrica de “Cidades” e na maioria da vezes nas últimas páginas ímpares.

Do dia treze ao dia vinte de abril, não foram publicadas quaisquer matérias que fizessem alguma alusão ao tema. Do dia vinte a vinte e dois, houve a publicação de mais 5 (cinco) matérias, destas, 4 (quatro) publicadas apenas no dia 22 (jornal de domingo, portanto com uma quantidade de conteúdo maior do que os jornais publicados imediatamente antes). Dessas últimas quatro citadas, 3 (três) foram no caderno de política, chamado Poder e 1 (uma) publicada no caderno de cultura e entretenimento, o Magazine.

De um total de 13 (treze) matérias separadas para a análise, 11 (onze) foram compradas de agências de notícias, especialmente da Agência Estado (9), e 2 (duas) foram feitas por repórteres da Redação. Dessas, apenas 1 (uma) é assinada por Carolina Menezes.

Nas matérias do primeiro bloco (período de 2 a 12 de abril), pode-se observar o uso de um recurso de destaque em grande quantidade: palavras em vermelho. As palavras que ganharam destaque nas matérias foram: enfim, ONU, relatório, Amazônia,

⁷ O jornal O Liberal pode ser acessado em <http://www.orm.com.br/oliberal>.



América do Sul, agricultura, alerta, aquecimento, impacto e extinção. No terceiro bloco, foram destacadas “contra o verde” e holofotes.

Ainda no primeiro “subperíodo”, a maioria das matérias (62,5%) tem como gancho a divulgação do relatório do IPCC no encontro da ONU. A matéria, do dia dois de abril, que abre esse ciclo de estudo é intitulada “Aquecimento global pode inundar 8% das cidades, afirma cientista”. O subtítulo complementa: “Enfim – Especialistas já formulam alguns conceitos sobre o que fazer agora”. A palavra “conceito”, na verdade, diz respeito ao consenso de possíveis soluções as quais os cientistas chegaram para amenizar o problema, por exemplo, reduzir a emissão de carbono e o aumentar a eficácia energética.

O título diz respeito as conseqüências mais drásticas que o aumento da temperatura poderia trazer, como o derretimento de todo o gelo da Groenlândia. A informação estatística usada no título é desdobrada: “(...) levaria à inundação de *1 em cada 12* cidades no planeta (8% delas)” (O LIBERAL, 2007a, p.12, grifos nossos). Essa é a única conseqüência apresentada no texto. O desenvolvimento do assunto trazido pelo título da matéria fica restrito ao *lead*.

No dia seguinte, a matéria é “Aquecimento trará pobreza e fome”. E o subtítulo: “ONU – Relatório traça uma paisagem negativa do planeta para as próximas décadas”. Nessa matéria, seguem algumas outras conseqüências do aquecimento: “pobreza crescente, falta de água potável, derretimento de geleiras e o desaparecimento de uma série de espécies até meados deste século”. O gancho é o encontro do IPCC, dessa vez, já é possível demonstrar a magnitude do encontro por meios dos dados numéricos: “participaram da conferência 285 representantes de *124* países, além de mais de *50* dos cientistas que escreveram o relatório e dúzias de observadores de organizações não-governamentais” (O LIBERAL, 2007b, p.10, grifos nossos).

A matéria do dia 5 de abril tem título e subtítulo bastante alarmistas: “Aquecimento global favorece dengue” e ainda: “Alerta – ONU conclui que mudança climática permitirá expansão de transmissores.

O *lead* segue como fonte de preocupação para os leitores paraenses, não os situando geograficamente onde essas mudanças serão sentidas. O “alívio” só virá no terceiro parágrafo na entrevista de Confalonieri, “Para o Brasil e a América do Sul, essa projeção é pouco realista”, pois: “A *temperatura no Brasil já é propícia* para a malária (...), então, *não* seria um aumento da temperatura que levaria à expansão da malária” (O



LIBERAL, 2007c, p.11, grifos nossos). Nota-se também, que apesar de no título aparecer “dengue”, a matéria fala apenas de “malária”.

No dia sete de abril, mais uma vez, o expediente é o alarmismo. Lê-se: “Falta d’água atingirá 1 bilhão e Amazônia vai virar sertão”. Logo abaixo, “Relatório – Previsão da ONU é de que o aquecimento global também aumentará doenças”, esse subtítulo ratifica a matéria anterior, sem mais uma vez indicar em que lugar haverá essa mudança. No entanto, nessa matéria, a localização geográfica é apenas subentendida: “com o aquecimento, diversas *regiões atualmente com temperaturas amenas* poderão vir a se tornar *habitat* de insetos disseminadores de doenças tipicamente tropicais, como a malária e dengue” (O LIBERAL, 2007d, p.11, grifos nossos). O primeiro tema do título (falta d’água) será explorado apenas na retransmissão “seca”, que diz:

Com maiores temperaturas, as seculares camadas de gelo que existem nos picos de diversas cadeias montanhosas desapareceriam. *Por serem reservas naturais de água, seu fim agravaria ainda mais as possíveis grandes secas* – que poderiam deixar mais de 1 bilhão de pessoas sem água potável” (O LIBERAL, 2007d, p.11, grifos nossos).

Na matéria do dia nove de abril intitulada “Amazônia regula chuvas no Pacífico e de subtítulo “América do Sul – Especialista diz que o clima do continente depende da floresta”, é a primeira vez que a Amazônia se configura como o foco central de uma notícia. Ainda assim, o gancho da matéria foi a revelação pelos pesquisadores do IPCC da ONU de que a Amazônia poderá, um dia, se tornar uma savana graças aos efeitos do aquecimento global. Essa pode ser considerada também como a matéria com mais elementos técnicos e conhecimentos específicos de toda a série analisada.

A penúltima matéria dessa série “Ministra lança S.O.S pela Amazônia”, de subtítulo “Aquecimento – Marina Silva diz que, se medidas demorarem, não haverá mais jeito”, já tem um outro gancho: “Marina Silva esteve ontem no Rio para dar a *aula inaugural* do ano letivo da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz” (O LIBERAL, 2007g, p.11, grifos nossos).

No mesmo dia, 12 de abril, a matéria relacionada ao IPCC foi “Mudança climática aumentará pressão sobre grandes cidades”. Essa matéria foi a única que não usou o expediente do subtítulo. Tampouco comentou a relação da Amazônia com o tema.

Um dos elementos constituintes de um texto jornalístico é a sempre possibilidade de trazer autoridades em determinado assunto a falar sobre o tema e assim,



recheio de vozes competentes o discurso jornal. Com o objetivo de trazer legitimação ao que se fala, há a demonstração de que somente quem entende do assunto emite uma opinião. Quem fala explicitamente sobre mudanças climáticas globais nas matérias analisadas são estrangeiros. A relação média é de que a cada brasileiro o qual o direito de falar é concedido, dois estrangeiros também recebem o mesmo direito. Somente quando se trata especificamente de Amazônia é que a relação se inverte: a cada estrangeiro que é concedido o direito de falar, dois brasileiros também falam.

Não é possível afirmar se O Liberal acredita que seu discurso só será reconhecido como correto, caso haja abundância de vozes internacionais, pois a maioria absoluta de suas matérias é comprada de agências de notícias. A maior possibilidade é de que as matérias sejam veiculadas, por conterem, ainda que de maneira mínima, alguma referência à Amazônia.

Em relação a conceitos e expressões usadas nos textos, apenas eficiência energética e desenvolvimento ético recebem uma pequena explicação. Outros são citados, porém sem nenhum tipo de referência mais aprofundada, a citar: aquecimento global, microenergia, tecnologia limpa, meio ambiente, ecossistemas, efeito estufa, *habitat*, savanização e ventos alísios.

O período de 13 a 20 de abril é um hiato na publicação de matérias sobre o aquecimento global. Por causa da restrição de espaço, não será possível detalhar causas, efeitos e porquês desse intervalo. Outrossim, é importante frisar que outros meios de comunicação continuaram normalmente a cobertura do assunto, tendo casos⁸ em que a busca realizada em páginas de notícias (mesmo método usado para encontrar as notícias dessa análise) com as palavras-chave “aquecimento global” encontrou mais de 80 (oitenta) referências apenas no período de intervalo de O Liberal.

De 20 a 22 de abril, foram publicadas mais 5 matérias que envolvem o aquecimento global. É importante destacar que nessas últimas notícias analisadas, o assunto foi apenas colocado de maneira muito sutil, usado como exemplos ou temas de encontros, seja por esse motivo então, que a análise desse período será menos detalhada.

Em “Encontro sobre agricultura urbana acontece hoje em Belém” do dia 20, o aquecimento é tratado somente na retranscrição, dando, inclusive, nome a ela. O gancho é o evento chamado II Seminário de Ciências da Terra e Ecologia promovido pelo Museu Paraense Emílio Goeldi. É possível afirmar que se trata de duas notícias encaminhadas

⁸ A página de notícias que tem mais de 80 referências nesse período sobre o assunto é o www.g1.com.br, portal de informações das Organizações Globo.

por assessorias de imprensa (da Prefeitura de Belém e do Museu) transformadas em apenas uma. Essa notícia foi publicada no caderno Atualidades, página 6. Diferentemente das matérias publicadas no dia 22, as quais 3 (três) estavam no caderno Poder.

O domingo, último dia dessa análise, também foi o dia de maior volume de matérias e aquelas que mais se distanciavam do propósito de informar acerca do fenômeno. Eminentemente políticas, as notícias falavam de um projeto que estimula devastação da Amazônia e o aquecimento serve de gancho, “no momento em que a Organização das Nações Unidas (ONU) deflagra e lidera *um debate sobre aquecimento* e a situação climática do mundo (...) um projeto de lei (...) cria brechas para ampliar a derrubada da floresta amazônica” (O LIBERAL, 2007j, p.6, grifos nossos). A mesma matéria (“Projeto estimula devastação da Amazônia”) é repleta de números que marcam a remitência ao real: 534 mil quilômetros de floresta, 37% derrubados, 54% da área do Mato Grosso, 7 milhões de hectares, 98% da soja etc.

Ainda nessa matéria, é possível perceber uma ponta de ironia do jornal quando a frase final da matéria indica que o senador, “considera uma injustiça o fato de Mato Grosso ter sido incluído na Amazônia Legal para que benefícios fiscais fossem concedidos após a divisão do Estado e a criação de Mato Grosso do Sul” (O LIBERAL, 2007j, p.6).

Na matéria que segue a discussão “Ministério do Meio Ambiente fica politicamente embaraçado”, o aquecimento aparece na fala de um deputado, que mudou de idéia sobre a conservação da Amazônia, para desqualificar o projeto de lei que é o assunto da matéria anterior. “A posição do senador é legítima, mas nesse *momento em que se discute aquecimento global*, a situação deve ser contrária, com a avaliação de uma forma de valorizar o ativo ambiental” (O LIBERAL, 2007l, p.6, grifos nossos). Seguida pela primeira vez da opinião explícita de um integrante do movimento ambientalista brasileiro, “o Congresso quer antecipar *a mudança climática por decreto*” (O LIBERAL, 2007l, p.6, grifos nossos).

Na matéria “Subcomissões são vitrines para vaidades”, o tema é colocado apenas para exemplificar a incoerência que há, quando se trata de criações de subcomissões pelo Senado.

A única matéria publicada no caderno de Artes e Cultura, o Magazine, chama-se “Exercício para olhar”. O gancho da matéria é o Dia Mundial do *Pinhole*, que este ano será comemorado em Belém, em um evento que tem como tema a problemática do



aquecimento global. Nessa matéria quem traz a tona o assunto é o fotógrafo Miguel Chikaoka “o objetivo do evento é entrar em sintonia com as questões mundiais, pensar no planeta como um todo, num elemento vital para a sobrevivência de tudo o que tem vida” (O LIBERAL, 2007n, p.1).

Considerações finais:

O acompanhamento das notícias durante o período proposto permitiu identificar algumas características do discurso praticado pelo O Liberal, no que concerne o tema aquecimento global.

As matérias se dividem em três períodos temporais. O 1º, aquele com o maior número de matérias que mereceu uma análise mais aprofundada, tem como principal gancho o encontro do IPCC. As matérias desse bloco tratam especialmente das conseqüências do aquecimento, como a proliferação de doenças e a escassez de água potável.

O 2º período se revela um grande hiato na discussão do tema e no 3º bloco, o tema em si não era discutido, apenas servia como exemplos para matérias que tinha o enfoque predominantemente político.

A análise tinha como objetivo fazer uma leitura que o jornal faz desse tema, contudo, de um modo geral, O Liberal delega a função de cobrir esses assuntos integralmente às Agências de Notícias. Essa falta de envolvimento na confecção das matérias faz o escopo da análise se voltar para a escolha. Porque, então, justamente essas notícias foram publicadas? De um modo geral, as matérias que detalham o fenômeno toca em algum ponto na questão amazônica, ainda que tenha sido um ‘olho’ sem conexão direta com o texto. O Liberal peca ao copiar as matérias da agência diretamente, sem atender às especificidades do público-leitor paraense. O critério de escolha deve ser ‘possui a palavra Amazônia?’.

Por outro lado, durante grandes eventos (serve como *gancho quente*) o assunto ganha importância, prova disso é a aparição das notícias em páginas ímpares. Assim como, não é difícil enxergar como há uma relação direta entre quando os encontros são internacionais, há a falta de fontes brasileiras nos textos. Apenas quando a Amazônia é o tema, os brasileiros são maioria. O uso de números e estatísticas não é raro, sempre com o objetivo de dar mais credibilidade à matéria.

Finalmente, por restrições de espaço, elementos importantes como as fotografias ficaram de fora dessa análise. Fica, no entanto, a lembrança da importância delas e de outros tópicos da teoria para uma pesquisa mais completa.



Referências Bibliográficas:

- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. SP: Editora Hicitec, 2004.
- BENVENISTE, É. **Problemas de Lingüística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989.
- BRETON, P e PROULX, S. **Sociologia da Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- GOMES, M. R. **Jornalismo e ciências da linguagem**. SP: Hacker Editores/ Edusp, 2000.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de Textos de Comunicação**: 3ª Edição, São Paulo: Cortez, 2004.
- MANSUR, A, VICARIA, L e MARTINS, E. Bem-vindo à Era do Caos. **Época**, São Paulo, nº 439, out. 06.
- O LIBERAL. **A largada para mais uma revolução**. Belém, 13.11.2005a, seção Atualidades, p. 13.
- _____. **O LIBERAL é símbolo de vanguarda**. Belém, 13.11. 2005b, seção Atualidades, p. 14.
- _____. **Aquecimento global pode inundar 8% das cidades, afirma cientista**. Belém, 02.04.2007a, seção Atualidades, p.12.
- _____. **Aquecimento trará pobreza e fome**. Belém, 03.04.2007b, seção Atualidades, p.10.
- _____. **Aquecimento favorece dengue**. Belém, 05.04.2007c, seção Atualidades, p. 11.
- _____. **Falta d'água atingirá 1 bilhão e a Amazônia vai virar sertão**. Belém, 07.04.2007d, seção Atualidades, p.11.
- _____. **Governos não querem que divulguemos a informação, diz Canziani**. Belém, 09.04.2007e, seção Atualidades, p.9.
- _____. **Amazônia regula chuvas no Pacífico**. Belém, 09.04.2007f, seção Atualidades, p.9.
- _____. **Ministra lança S.O.S pela Amazônia**. Belém, 12.04.2007g, seção Atualidades, p.9.
- _____. **Mudança climática aumentará pressão sobre grandes cidades**. Belém, 12.04.2007h, seção Atualidades, p. 9.
- _____. **Encontro sobre Agricultura urbana acontece hoje em Belém**. Belém, 20.04.2007i, seção Atualidades, p.6.
- _____. **Projeto estimula devastação da Amazônia**. Belém, 22.04.2007j, seção Poder, p.6.
- _____. **Ministério do Meio Ambiente fica politicamente embaraçado**. Belém, 22.04.2007l, seção Poder, p.6.
- _____. **Subcomissões são vitrines para vaidades**. Belém, 22.04.2007m, seção Poder, p.8.
- _____. **Exercício para o olhar**. Belém, 22.04.2007n, seção Magazine p.1.
- PINTO, L. **O rei da quitanda**. Disponível em < <http://www.consciencia.net/2005/1222-lfp3.html>>, acessado em 06.04.2007.
- _____. **Um império ao Norte**: o de Romulo Maiorana. Disponível em < <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=18968>>, acessado em 06.04.2007.
- RABELLO, A. Efeito Estufa: Uma Ameaça no Ar. **Ciência Hoje**, São Paulo, v.5, n.29, p. 50-56, março de 1987.
- SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.
- SOUZA, S J. **Bahktin, Vygotsky e Benjamin**. 3ª Edição, São Paulo: Papyrus Editora,1997.